

## VIVÊNCIAS PAISAGÍSTICAS COMO CAMINHOS PARA NOVAS PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS

*Landscape experiences as paths to new perceptions and experiences*

Luciene Cristina Risso<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente texto propôs-se a interpretar as vivências ambientais realizadas pelos alunos universitários da UNESP, do curso de Geografia, na reserva extrativista de Mandira, comunidade quilombola de Cananeia (SP), verificando, por meio de narrativas e croquis de campo, se houve interiorização de novas percepções e experiências. Pode-se dizer que as vivências proporcionadas estimularam, na maior parte dos alunos, uma redescoberta de conhecimentos e valores, produzindo uma nova consciência enveredada na conduta de envolvimento/pertencimento das questões ambientais. Atenta-se ao papel crucial dos trabalhos de campo em Geografia como possibilidade de imersão nas paisagens e contato com o outro, inspirando novas consciências, sentimentos e atitudes ambientais.

**Palavras-chaves:** Croquis. Trabalho de campo. Narrativas. Geografia Humanista.

### ABSTRACT

The present text will propose to interpret the environmental experiences carried out by UNESP university students of Geography course in the extractive reserve of Mandira, quilombola community of Cananeia (SP), verifying through narratives and field sketches there was interiorization of new perceptions and environmental experiences. It can be said that the experiences provided stimulated in most students a rediscovery of knowledge and values producing a new awareness directed to the conduct of involvement / belonging to environmental issues. It is attentive to the crucial role of the fieldwork in Geography as a possibility of immersion in the landscapes and contact with each other, inspiring new environmental consciousnesses, feelings and attitudes.

**Keywords:** Field sketches. Fieldwork. Narratives. Humanist Geography.

<sup>1</sup> Profa. Dra. UNESP, *campus* de Ourinhos. Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (UNESP, Rio Claro). [luciene.risso@unesp.br](mailto:luciene.risso@unesp.br).  
✉ Avenida Renato da Costa Lima, 451, Ourinhos, SP. 19903-302.

## INTRODUÇÃO

Vivemos uma crise ambiental planetária. O sistema econômico capitalista, com suas fases evolutivas, acelerou o ritmo de uso dos recursos naturais e as transformações nas paisagens, causando diversos impactos ambientais negativos, de tal forma, que a dinâmica natural não fosse respeitada. Isto porque o ritmo do tempo e espaço dos sistemas naturais é mais lento do que o ritmo do tempo das ações humanas. Mudanças drásticas e rápidas nestes podem significar na incapacidade de recuperação e adaptação perante as modificações bruscas.

A sociedade urbano-industrial trouxe um aumento do consumo de elementos naturais para serem usados no processo produtivo, e, como externalidades, a poluição da água, do ar do solo, diminuição da biodiversidade, extinção de espécies, doenças, desigualdade e exclusão social.

Essa atitude de exploração ambiental se alentou com a visão moderna cartesiana, cuja concepção de mundo fundamenta-se na oposição entre mente (*res cogitans*) e da matéria (*res extensa*). A herança dessa visão moderna provocou uma ideia de distanciamento – entre o que é natural e o que é cultural, entre nós e a paisagem, entre corpo e mente. Para o estudo das paisagens refletiu num esvaziamento de sentido, justamente porque seu contexto ficou deslocado do objeto, e por si só perde significado. Por exemplo, estudar um rio racionalmente, sem falar dos valores culturais inter-relacionados, das experiências das pessoas próximas a esse rio, o que pensam e sentem, não reflete a diversidade de significados presentes na paisagem.

Da produção ao consumo, os problemas sociais e ambientais agravaram-se em termos complexos. Na busca por altos lucros, os poderosos grupos econômicos, políticos e financeiros estão

comprometendo o equilíbrio ambiental e a qualidade de vida das populações. Como condições ambientais e saúde física/mental estão intrinsecamente relacionadas, o desequilíbrio ambiental está adoecendo as pessoas. Pesquisas que acompanharam crianças vítimas de desastres ambientais revelaram que um terço das crianças desenvolveram transtorno de ajustamento (FU I et al, 2000, p. 24).

Em contraposição ao cenário de degradação ambiental colocado principalmente após a revolução industrial (século XIX), surge o movimento ambientalista e a preocupação científica, principalmente com a proeminente cientista norte-americana Raquel Carson (1969), com a publicação do livro “Primavera Silenciosa” em 1962. Na esfera geopolítica, o relatório de Ward e Dubos, intitulado “*Only One Earth*” (1972, publicado no Brasil em 1973) foi preparado como material base para a primeira Conferência das Nações Unidas de 1972 sobre meio ambiente humano, em Estocolmo (Suécia), registrando a preocupação ambiental por parte dos governos, da qual participaram 113 países, 250 ONGs e organismos da ONU (WARD; DUBOS, 1973).

A conferência de Estocolmo transformou-se num marco na história do movimento ecológico, pois inseriu a discussão na esfera política e favoreceu o surgimento de várias agências de proteção ambiental pelo mundo afora.

Em relação ao Brasil, a Constituição Federal de 1988 introduziu um capítulo do meio ambiente inovador, inspirado na Conferência de 1972, na qual o meio ambiente passou a ser um direito garantido por lei<sup>2</sup>.

Uma Conferência que não podemos deixar de citar foi a “Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento”, realizada no Rio de Janeiro de 3 a 14 de junho de 1992. Ela reafirmou

<sup>2</sup> O artigo 225 da CF/88 afirma que “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

a “Declaração de Estocolmo” e estabeleceu parcerias globais e fortalecimento da cooperação internacional e nacional, fundamental no processo de conscientização ambiental em todas as esferas sociais, inclusive em relação aos setores econômicos.

Essas conferências, direitos, tratados etc., avançaram o debate ambiental no setor geopolítico, associada a outras esferas sociais e científicas, contudo, percebe-se que na prática está havendo muita negligência. Notou-se isso na própria “Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável”<sup>3</sup>, também chamada de Rio+10 na África do Sul em 2002, quando muito das metas estipuladas na Rio92 não foram alcançadas. Em pleno 2020, os Estados Unidos negam o cenário das mudanças climáticas. No Brasil, a gestão ambiental está abandonada e houve elevação nas taxas de desflorestamento na região Amazônica em detrimento do agronegócio e mineração.

Diante desse cenário ambiental complexo, a esfera científica<sup>4</sup> discute há tempos acerca da necessidade ética, científica, tecnológica, política e educativa, no sentido de minimizar os problemas socioambientais e caminhar rumo a novos valores e atitudes.

Como pensa a Geografia Humanista nesse cenário? É bem verdade que a Geografia Humanista visa entender o fenômeno geográfico na escala do lugar, portanto pode-se pesquisar, por exemplo, como as degradações ambientais estão interferindo no cotidiano e na saúde das pessoas ou ao contrário, como um ambiente sadio reflete nelas? Em suma, quais são as experiências das mesmas sobre o mundo que vivenciam?

<sup>3</sup> Chama-se a atenção para os conceitos adotados politicamente, como meio ambiente (Conferência de 1972 e 1992, Constituição Federal brasileira de 1988) e Desenvolvimento Sustentável em 2002.

<sup>4</sup> Sem pretender generalizar, pois há diferentes visões acerca do enfrentamento da crise ambiental, como as correntes da ecologia profunda, ecossocialistas, ecofeministas, etc.

Outro enveredamento, que é o caso desse estudo, foi promover práticas pedagógicas, usando o aporte da Geografia Humanista e da Fenomenologia, por meio de vivências/percepções que reflitam novos pensamentos, sensibilidades e atitudes em relação às paisagens.

Tentou-se romper com a herança cartesiana insistente em nossas grades universitárias, compartimentada em disciplinas, fragmentando o conhecimento. No caso da geografia, os trabalhos de campo são muito técnicos e racionais.

Claro que a visão técnica é necessária, porém, é ímpar que as paisagens façam sentido aos alunos, para que superemos o individualismo e as visões socioambientais restritas em detrimento de uma visão integradora, interdisciplinar e sensível/perceptível. Essa última merece destaque, uma vez que se adota a Geografia Humanista como uma corrente que compreende a experiência. Como diz Marandola Jr. (2017, p. 13) “ela propõe, na verdade, uma escala para compreender as articulações entre estas várias escalas: a própria experiência, na qual não se parte de nenhuma dicotomização”.

Esse relato de experiência parte do princípio que, como profissionais do ensino, podemos realizar práticas pedagógicas e vivências nas paisagens que inspirem novas percepções, experiências, novas habilidades em nossos alunos, e por isso, utilizou-se a ideia de vivência baseado em autores como Tuan (2013) e Guimarães (2007).

Nesse sentido, enquanto professora de Biogeografia, desejava-se que os estudantes conhecessem e imergissem no trabalho de campo, saindo daqueles famosos trabalhos de campo tradicionais, que separam conteúdo específico do vivido. O intuito era unir conhecimento biogeográfico com cultura e Fenomenologia.

A área do campo na comunidade quilombola de Mandira em Cananeia (SP), no litoral sul do estado de São Paulo, foi elegida por dois motivos. Primeiro, porque a autora conhece a comunidade

quilombola desde 2014, o que trouxe uma experiência rica tanto na área de pesquisa, facilitando a mediação entre a comunidade e os alunos, quanto permitiu relatar e interpretar como ocorreu a experiência dos alunos no manguezal e com a comunidade quilombola envolvida. Em segundo lugar, pelas características físicas, biológicas, sociais e culturais da área, permitindo as vivências no trabalho de campo.

A região conhecida como “Vale do Ribeira” possui a maior concentração de comunidades quilombolas, do estado de São Paulo, é o maior remanescente da floresta atlântica do estado de São Paulo.

Historiadores explicam a concentração de comunidades negras devido à atividade minerária, predominante no século XVII, onde muitos escravizados fugiam para as serras e morros da região. Outra formação de quilombo está relacionada à doação de terras, que é o caso de Mandira.

O histórico de luta e resistência desse povo, pelo seu território, resultou em 2002 no reconhecimento como comunidade quilombola e criação da Reserva Extrativista (Federal).

A comunidade já conquistou o “Prêmio Iniciativa Equatorial” 2002, durante a “Cúpula Mundial para o Desenvolvimento Sustentável”, em Johannesburgo, na África do Sul, por viver em sintonia com o meio ambiente. Sua economia baseia-se no extrativismo de ostras nos manguezais, pesca, turismo de base comunitária, artesanato e agricultura de subsistência. Como se percebe, a área para as experiências empíricas é especial, tanto pela sua diversidade biológica como cultural.

O trabalho de campo da disciplina “Biogeografia” foi realizado entre os dias 13 e 15 de maio de 2019. Foram programadas paradas para contemplação da paisagem envolvida e sensibilização nos manguezais da Reserva extrativista de Mandira (Cananeia, SP), bem como conversas com os moradores/trabalhadores do manguezal,

os quais mostraram como é a rotina de trabalho e o modo de gestar sustentavelmente, dentre outras atividades, como desfrutar do almoço mandirano e andar pelas trilhas das florestas.

Como objetivo principal, o trabalho de campo visou oferecer vivências ambientais para os alunos, de modo que eles pudessem perceber, aprender e sentir o outro; encontrarem-se com a paisagem. Já o objetivo do texto foi relatar e interpretar se houve interiorização de novas percepções e experiências ambientais.

No sentido de captar as vivências, solicitou-se uma produção textual para expressarem, a partir do que vivenciaram, e elaborarem croquis de campo como forma de trabalharem a observação estética e sensível da paisagem, considerando o corpo como ponto de vista sobre o mundo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 108). Os próprios croquis foram solicitados como modos de ver essa paisagem.

Esses dados foram estudados a partir dos três passos: a descrição, redução e a interpretação da fenomenologia existencial de Merleau-Ponty (1999), principalmente do livro “Fenomenologia da percepção”. A fenomenologia valoriza entender esse ser situado no mundo e a possibilidade de olhar o outro, visando mostrar suas experiências e significados das vivências.

A interrogação fenomenológica que se parte, caminha em direção a desvelar se houve interiorização em relação ao que viveram. Será que os estudantes perceberam, sentiram e assimilaram essa paisagem do Manguezal? Será que conhecer uma cultura diferenciada e ecossistemas incomuns ao cotidiano dos estudantes fez sentido e/ou significou algo?

A fenomenologia descreve o mundo diante das experiências dos sujeitos. Para Buttimer (1982, p. 170) a fenomenologia é “um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância”.

Esse mundo, como diz Merleau-Ponty (1999, p. 5) “está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele”. Ao contrário do que diz Descartes “*Cogito, ergo sum* (Penso, portanto sou)” Merleau-Ponty (1999, p. 14) trilha que “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo”. É o ser encarnado, aberto ao mundo. Portanto, compreendo que os estudos devem partir do mundo, e não da teoria.

A descrição é uma tarefa que revela o vivido, define sentidos e intencionalidades. Envolve sentimentos, pensamentos/conhecimentos. Para alcançar isso, a produção textual norteou-se pela pergunta: “O que você aprendeu no campo?” (conte sobre seus novos conhecimentos sobre o manguezal e a comunidade quilombola, seus sentimentos e percepções).

O segundo passo de Merleau-Ponty (1999, p. 10) procura o entendimento dessas experiências, usando a redução, que, aliás, nunca é completa (porque “nós estamos no mundo”, tomando “distância para ver brotar as transcendências”).

O terceiro passo é a interpretação ou compreensão fenomenológica. Ela busca os sentidos ou intencionalidade dos sujeitos, para encontrar a significação existencial – por meio de uma descrição crítica e não passiva desse modo de existir.

Com a coleta das narrativas produzidas e dos croquis pós-campo, realizou-se uma leitura geral para se ter uma ideia do todo e depois individual. Selecionaram-se trechos das narrativas como núcleos ou estruturas de significação existencial, depois se separaram por temas principais. Para apresentar nos resultados e na interpretação procurou-se revelar o fenômeno estudado.

Por fim, essa Geografia empírica, vivida, estimulou, na maior parte dos alunos, uma (re)descoberta de conhecimentos e valores, produzindo novos significados.

## A EXPERIÊNCIA PERCEPTIVA NAS PAISAGENS

As sociedades possuem uma visão comum do mundo, porque o que percebemos pertence ao real (MERLEAU-PONTY, 1999) e isso contribui para a interpretação intersubjetiva das experiências coletivas, mas sempre com cuidado nas generalizações (universalizações).

Buttimer (1982, p. 175) afirma que “as generalizações (o ‘modo da terceira pessoa’) deveriam derivar de um relacionamento mais básico entre os atores (primeira e segunda pessoas) dentro do drama do mundo vivido”. O que ela quer dizer, é que quanto mais o geógrafo humanista busca entender essas experiências das pessoas ou grupos próximos com o mundo, com as paisagens, maior a contribuição científica.

Há uma riqueza de percepções. Como afirma Lowenthal (1982, p. 135) “cada um de nós desvia o mundo a seu próprio modo e contempla as paisagens com suas imagens particulares”.

A experiência perceptiva é considerada crucial para Merleau-Ponty (1999), pois é por intermédio dela que o ser humano pode entender seu mundo. Em outras palavras, a percepção para Merleau-Ponty (1999) se dá por meio da relação entre corpo-mundo, ao contrário da visão tradicional dual, o qual de um lado está o corpo, com os órgãos dos sentidos e de outro a mente, que decodifica os estímulos, dentre outras funções.

Por conseguinte, os seres humanos percebem com seu corpo, o mundo. Ele não é um ser transcendental, mas um ser encarnado, que pensa e sente (MERLEAU-PONTY, 1999). A consciência, portanto, é perceptiva, por meio do corpo. Para Merleau-Ponty (1999, p. 6), a percepção “não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e é pressuposta por eles”. O corpo fenomenal revela

modos de viver. É com o corpo que eu posso caminhar, passear, correr, ouvir, cheirar, ver e tocar. É com o corpo, portanto, que os sujeitos da pesquisa perceberam esse ambiente e essa paisagem.

Como afirma Marandola Jr. (2014, p. 9):

Precisamos habitar a paisagem para poder ouvir o seu saber; precisamos senti-la para sermos invadidos por ela, e para isso, temos viver a plenitude do ser-lançado-no-mundo. Devemos contornar toda a racionalização, a qual relega à paisagem sua condição de existência para uma representação que elege algo caricato a ser preservado ou imageado. Não uma sistematização ou uma totalização, mas um horizonte de sentir, que se constitui a partir de um corpo-vivo-existencial que experiência, sentindo.

Em uma reflexão fenomenológica de Merleau-Ponty (1999) a paisagem é a relação intrínseca entre o corpo e o mundo e revela diversos modos de existir. Para Dewsbury e Cloke (2009, p. 696) seguindo a linha de pensamento de Merleau-Ponty (1999), “por paisagens, nos referimos a práticas corporais de estar no mundo, incluindo maneiras de ver, mas que se estendem além da vista, tanto para um sentimento de ser que inclui todos os sentidos quanto para uma abertura para ser afetado”<sup>5</sup>.

Dessa forma, nesse artigo, considera-se o conceito de paisagem na Geografia Humanista Cultural um conceito ímpar, já que este contribui no entendimento das experiências humanas. Portanto, a paisagem não se reduz à morfologia, nem se reduz a subjetividades e nem é sinônimo de natureza e meio ambiente. Ela interliga esses mundos.

Quando se fala de paisagem, concorda-se com Roger (1994) quando ele diz que a paisagem abarca a determinação de valores paisagísticos, diferente do conceito de ambiente. O conceito de meio ambiente

<sup>5</sup> Tradução livre de: “By ‘landscapes’ we refer to embodied practices of being in the world, including ways of seeing but extending beyond sight to both a sense of being that includes all senses and an openness to being affected”.

tem uma história diferente. Ele se originou a partir dos conceitos de ecologia (HAECKEL, 1866) e ecossistema (TANSLEY, 1935). É um conceito objetivo. Admite-se que nos últimos tempos, o conceito de meio ambiente vem avançando em direção à inserção de questões sociais, culturais e até fenomênicas, porém ainda há diferenças e ambiguidades.

Serrão (2014, p. 24) citando Demangeot, coloca que o termo – meio – é ambíguo, e “ora coloca o meio no centro, como objeto de estudo, ora o homem no meio, como um ponto central que faz parte dele”. Berque (2000) é um autor atual que conectou paisagem e ambiente por meio do conceito de *médiance*.

A explanação anterior foi feita para deixar claro que há uma diversidade de conceitos e portanto, esse estudo adota a ideia de paisagem, como *locus* de vivências e experiências, e como um lugar de grande potencial de inspiração para novos pensamentos, atitudes e geopoéticas. Utilizou-se no texto as ideias de ambiente ou meio ambiente no sentido amplo e geossistêmico.

A seguir, apresenta-se como se deram essas vivências dos alunos nas paisagens de Mandira, seus estranhamentos e encontros.

#### **AS VIVÊNCIAS NO MANGUEZAL E NA COMUNIDADE DE MANDIRA: ESTRANHAMENTOS E ENCONTROS**

Por vivências entende-se como algo que se aprende na e com a vida, faz sentido e gera experiência. Para Guimarães (2007, p. 120) reportando-se em vivências, em trilhas de áreas protegidas, elas são “pontos de pausas, realizadas durante esses percursos, para auscultarmos a paisagem, interiorizando essas mesmas experiências ambientais”. Para Tuan (2013, p. 18) “a experiência implica a capacidade

de aprender a partir da própria vivência”, ou seja, se o vivenciar gerar aprendizagem, decorre a experiência.

Compartilha-se com Buttimer (1982, p. 190) que:

Se as pessoas forem crescendo mais adaptadas ao dinamismo e poeticismo do espaço e do tempo, e ao significado do meio na experiência da vida, poder-se-ia literalmente falar da vocação e da personalidade do lugar, que emergiria de experiências humanas partilhadas e dos ritmos têmporos-espaciais deliberadamente escolhidos para facilitar tais experiências.

Nesse sentido, leva-se a pensar que a vivência é uma aprendizagem ou um despertar de algo que não se “enxergava” antes e que agora faz toda diferença existencial. Isso acontece de diversas maneiras e é único para cada um. Como exemplos, se dá quando um professor na sala de aula chama a atenção para olhar a algum fenômeno, de uma forma que nunca havíamos pensado; ou quando estamos trabalhando, ou quando estamos caminhando por entre as trilhas interpretativas em florestas, participando de atividades de educação ambiental ou de trabalhos de campo.

Os estudantes em idade entre 18 e 25 anos ao chegarem ao manguezal no dia 14 de maio foram recepcionados pelos membros da comunidade, que explicaram como as atividades seriam realizadas. A reação foi diversa. Muitos estranharam a lama; outros estavam animados e outros apreensivos. Isso porque de 23 sujeitos, apenas três já tinham visto um manguezal durante sua vida.

O estranhamento está relacionado ao desconhecimento ou ao conhecimento superficial de um determinado local. 17 alunos relataram que compreendiam pouco do ecossistema manguezal e da comunidade ou apenas em livros e vídeos, sendo que alguns deles manifestaram uma visão estereotipada e distorcida do manguezal e da comunidade: “Não tinha muito conhecimento sobre o que era um

manguezal e a comunidade quilombola; nunca tive a oportunidade de conhecer, então eu não sabia o que esperar” (sem identificação); “Meu conhecimento tanto sobre o mangue quanto sobre os quilombos eram saberes distantes, não tinha ideia realmente do papel das comunidades na preservação do ecossistema” (Maria Sarah C. Parede); “Um lugar fedido, sujo, um local abandonado, em relação à comunidade quilombola, tinha uma visão de um local pobre” (sem identificação).

Em geral, para esses visitantes, o manguezal não era um lugar no sentido que conceitua Tuan (1983, p. 6), mas um espaço, e como tal, traz insegurança. Por outro lado, vivenciar o manguezal e as demais paisagens, foi um convite à exploração, à aventura. Colocou-os em movimento e em liberdade. Afinal, como afirma Fernanda de Paula (2017, p. 30) “aprendemos a pensar sentindo”.

Os monitores da comunidade organizaram os estudantes dividindo-os em grupos de cinco em cada barco (Figura 1). Eram 10h30. Havia pressa, pois a maré estava subindo no estuário. Um trabalho cujo ritmo de tempo está diretamente ligado ao ritmo natural.

Quando os cinco barcos saíram, percebeu-se que alguns estavam com medo de andar no barco e outros estavam bem felizes e curiosos.

A Figura 1 mostra uma ação (de andar de barco) diferente do cotidiano urbano dos universitários, que na cidade de Ourinhos, deslocam-se a pé, de bicicleta ou ônibus circular. O andar de barco foi um perceber com o corpo em uma paisagem pouco conhecida. Eles sentiram o vento no rosto, um chuvisco de vez em quando, o cheiro do mangue vermelho e o navegar nessas águas, vendo pássaros e caranguejos. O corpo nesse sentido indicado por Merleau-Ponty (1999, p. 278) é o sujeito da percepção. Ademais, esse navegar foi um desbravar de *terra incognitae*, no sentido de Wright (2014), como nota-se na narrativa seguinte: “No mangue, no passeio de barco, cada curva era uma nova descoberta e um novo aprendizado. Gratidão por ter nos proporcionado este momento incrível” (Gustavo Clemente).

## Vivências paisagísticas como caminhos para novas percepções e experiências

Luciene Cristina Risso

A cada novo horizonte da paisagem, os olhares dos sujeitos estavam atentos, contemplando e percebendo suas estéticas e vidas diversas (Figura 2).

Os monitores/trabalhadores da comunidade pararam todos os barcos na ostreicultura para mostrar os viveiros de ostra, ou seja, como a comunidade realiza o manejo e cultivo, a rotina de trabalho e o modo de gestar sustentavelmente. Em Mandira, o ambiente é propício ao cultivo, pois o ecossistema está equilibrado. Suas águas são límpidas, com muita vida aquática. Os monitores, posteriormente, explicaram como a renda e a vida melhorou depois da criação da reserva extrativista com o manejo correto do cultivo<sup>6</sup>.

Todavia, antes de começarem a falar, houve uma pausa, um silêncio para observarem e sentirem as paisagens e se possível, como já desvelado por Guimarães (2007), que interiorizassem essas experiências e quem sabe esse espaço, até então desconhecido, se tornasse um lugar, isso porque cada pausa no movimento, na visão de Tuan (1983), torna possível sua transformação em lugar. Percebeu-se um desconforto de alguns, mas todos participaram da vivência.

Ao saírem dos barcos, os alunos já estavam com rostos mais felizes (talvez por alívio!) e ambientados. Foi aí que a professora promoveu o diálogo e a solicitação da produção dos croquis do manguezal.

<sup>6</sup> A criação de ostras (*Crassostrea*) deve ter um manejo adequado, já que esses moluscos bivalves cultiváveis vivem em águas salobras, mas num equilíbrio, pois o fator temperatura e salinidade (acarretada pelas correntes marinhas) influenciam diretamente esses seres e podem morrer nos casos extremos de temperatura e salinidade. Esses seres vivos precisam de um ambiente limpo, sem poluição hídrica, com muita renovação da água. Como alimentando-se de partículas em suspensão na água, as brânquias, filtram e concentram partículas, servindo de alimento para o animal (WARD, 1996). Como filtram impurezas, trazem diversos benefícios para esse ecossistema. Entretanto, se forem cultivadas em ambiente poluído, seu consumo pelo ser humano, pode acumular agentes causadores de doenças.



Figura 1 – Alunos no estuário, indo de barco até os viveiros de ostra  
Fonte: Maria Sarah C. Parede, 14/05/2019.

Após, seguiu-se para o centro da comunidade de Mandira, no qual, o líder Francisco Mandira já estava nos esperando para sua palestra. Olhos atentos e admirados com a história de luta e resistência da comunidade negra de Mandira foi uma atividade essencial, para as vivências no campo.

O restante das atividades foi o almoço tradicional mandirano, com farofa de ostra. E à tarde, os alunos conheceram outras paisagens da floresta atlântica e rios, por entre as trilhas do Peabiru e a casa de Pedra, que era o antigo engenho de arroz da época da escravatura.

### A ELABORAÇÃO DOS CROQUIS DE CAMPO E ALGUNS APONTAMENTOS

A produção de croquis de campo na Geografia é uma prática que veio da Geografia Tradicional francesa como forma de representação do espaço geográfico, por meio de uma linguagem cartográfica. Atualmente, utilizam-se os croquis não somente como prática de representar as paisagens e



**Figura 2** – Gabriela captando imagens paisagísticas  
**Fonte:** Maria Sarah C. Parede, 14/05/2019.



**Figura 3** – Primeiro croqui  
**Fonte:** Maria Sarah C. Parede (Cananeia, 2019).

espaços geográficos, mas como um corpo que percebe, sente (MERLEAU-PONTY, 1999) e cria um desenho como experiência perceptiva.

Como linguagem pedagógica, os croquis são expressões perceptivas do sensível da paisagem que despertam a criatividade. Concorda-se com Marin (2006, p. 9) que “as imagens que o mundo oferece ao humano despertam sua criatividade, seu desejo de conhecer e sua imaginação. Educar, nesse sentido, é um fenômeno que deve permitir o afloramento dessas prerrogativas”.

Nessa direção, solicitou-se que os alunos desenhassem os croquis (*field sketches*) em paisagens que mais lhe chamassem a atenção e logo, o manguezal e a casa de pedra tiveram destaque. É importante relatar que eles relutavam a fazer, afirmando que não sabiam desenhar, ao que sempre se respondia que o objetivo didático da atividade era para observarem, sentirem e expressarem a paisagem, o mundo sensível.

A partir dessa vivência com a elaboração do croqui, partiu-se para a interpretação dos mesmos, tecendo considerações a partir de leituras fenomenológicas e culturais. Considerando o corpo fenomenal como ponto de vista sobre o mundo, e é por ele que se conhece o mundo.

Para Merleau-Ponty (1999, p. 280) perceber uma imagem é um processo integrado e não uma relação de causalidade, “todo saber se instala nos horizontes abertos pela percepção”.

Dessa forma, apresentam-se, a seguir, croquis (Figuras 3 a 6) como exemplificações. Não se deteve a interpretação do espaço geométrico, mas o que perceberam.

#### *Croquis do ecossistema Manguezal*

O primeiro croqui de Maria Sarah C. Parede (Figura 3) mostra que ela se inseriu na paisagem ao desenhar o barco no rio/mar (região de estuário) e a vista lateral para o manguezal (ecossistema).

Nota-se no croqui da Figura 3 que as árvores do mangue vermelho (*Rizophora mangle*) estão em destaque. Isso porque o elemento árvore é o elemento natural que mais chama a atenção na paisagem natural. Para Bachelard (2000, p. 328) “a árvore tem sempre um destino de grandeza. Esse destino ela o propaga. A árvore faz crescer o

que a rodeia”. Mesmo em áreas urbanas, Crichyno (2017) usando Bachelard (2000; 2001) ao analisar a árvore como símbolo poético da paisagem urbana, a considerou como “ímpeto” ascendente do progresso temporal, tornando possível, relacionar o elemento árvore com a memória social da cidade e geograficidade.

Voltando ao croqui da Figura 3, há conexão entre o ambiente **terra** com o ambiente **água**, significando uma interligação de mundos. “É o sangue da terra. A vida da terra. É a água que vai arrastar toda a paisagem para seu próprio destino” (BACHELARD, 2002, p. 65).

Como diz Mia Couto “A poesia me dá o barco, mais um remo que é o sonho. E eu aprendo a navegar ao invés da corrente. Como se um outro rio fluísse em contratempo” (COUTO, 2010, p. 45). A aluna ao se colocar no barco abarca esse navegar nas águas de suas vivências, que seguem em águas calmas.

O segundo croqui de Kadine Nascimento (Figura 4) mostra novamente que as árvores do mangue vermelho (*Rizophora mangle*) estão no centro,



Figura 4 – Segundo croqui  
Fonte: Kadine Nascimento, 2019.

cuja interpretação anterior vale aqui. No entanto, ao desenhar as folhas caídas das árvores, ela percebeu o ritmo cíclico. Para Bachelard (2001), a árvore possui ritmo e renovação. As árvores desenhadas têm vida e mostram que há um conhecimento da aluna sobre a interdependência ecossistêmica e habitat dos caranguejos no manguezal, bem como no desenho das ostras cultivadas pela comunidade quilombola. As águas do rio/mar são túrbidas, revelando movimento, fluidez, vida.

Por fim, esses croquis foram instrumentos didáticos importantes uma vez que aproximaram o sujeito do mundo sensível. A prática permitiu que os alunos parassem para “olhar”, de forma mais atenta e sem tecnologia, a paisagem em torno deles. Como diz Lopes e Vasconcelos (2017, p. 11), em sua pesquisa sobre croquis urbanos na área da Arquitetura, “a compreensão de que dimensão poética e plástica do corpo permite outras possibilidades de leitura do real e da linguagem sensível”.

#### *Croquis da Casa de Pedra*

Durante a fase da rizicultura no vale do Ribeira (SP) no século XVIII, várias fazendas instalaram-se na região, perto de rios para aproveitar também a força hidráulica.

Uma dessas fazendas de arroz foi a fazenda de Antonio Florêncio de Andrade, ou Fazenda Andrade localizada em Mandira, na chamada Cananeia continente, área rural do município atual, cujo acesso na época, só se dava por canoa (de Cananeia até Mandira) e depois por trilha (caminho entre as matas). A Fazenda Andrade tinha um engenho de beneficiar arroz que utilizava água dos córregos próximos para mover os moinhos. Hoje, chamada de casa de pedra, é uma forma passada do período colonial “feita

Vivências paisagísticas como caminhos para novas percepções e experiências  
Luciene Cristina Risso

de pedra, areia, material do sambaqui, óleo de baleia” (Seu Francisco Mandira), cujos trabalhadores eram os negros escravizados (RISSO, 2018, p. 48).

Essa casa, que era engenho, chamou a atenção dos alunos, por sua história e porque ficaram encantados com a vegetação penetrando em suas formas. Logo, os dois croquis seguintes (Figuras 5 e 6), possuem essas informações.

As ruínas também merecem atenção porque mostram um fio com o passado, uma memória de um tempo que não volta mais, como diz Mia Couto (2003, p. 27) “é o próprio tempo desmoronado”. Se bem que para os quilombolas são memórias do tempo da escravatura, um tempo de memórias doloridas, passadas de geração em geração. Por isso inclusive, há lendas de fantasmas que vagueiam a ruína.

A ruína mostra o tempo volátil, fagocitando a matéria. Ao mesmo tempo tem-se o encontro de tempos nesse espaço. Uma marca na paisagem, hoje, patrimônio cultural relacionada com a identidade

cultural da comunidade quilombola, emergindo uma nova função – a turística e de conservação.

Sua arquitetura é tomada sempre pela vegetação, que encontra modos de crescer entre a argamassa tradicional. A comunidade quilombola a retira, para que os visitantes possam andar melhor em seu interior, mas ela volta, regenera.

Esteticamente, a ruína com vegetação possui o belo. A vegetação **entre**, denota renascimento por entre um objeto passado e morto na sua antiga função. A vegetação resiste, rompendo a dureza das pedras.

Um outro elemento que chama a atenção nos croquis (Figuras 5 e 6) são as janelas. Através delas se pode fazer a conexão entre interior e exterior. Abertas me comunicam com o mundo, – “quero ver lá fora!” Fechadas, não quero contato, quero segurança. Leonardo da Vinci disse que “os olhos são a janela da alma”, e projetando essa metáfora para os imóveis, as janelas são os “olhos” da casa. No caso, da área de

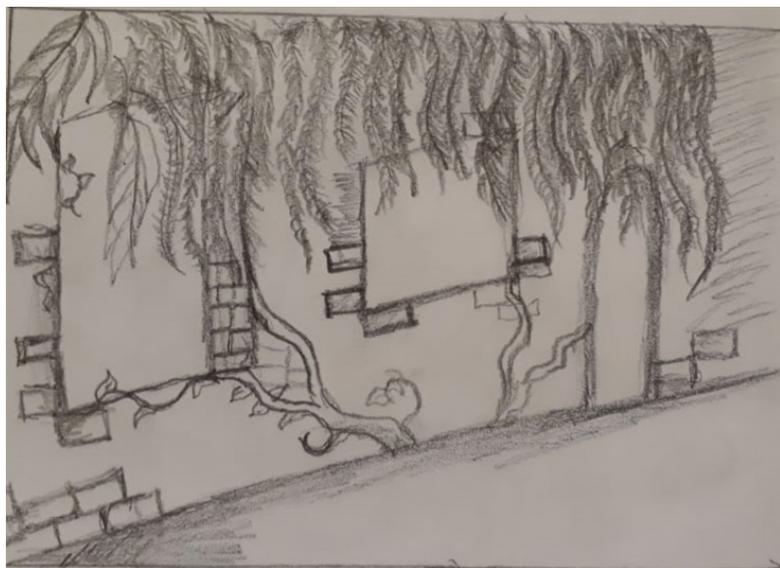


Figura 5 – Croqui da Casa de Pedra  
Fonte: Maria Sarah C. Parede, 2019.

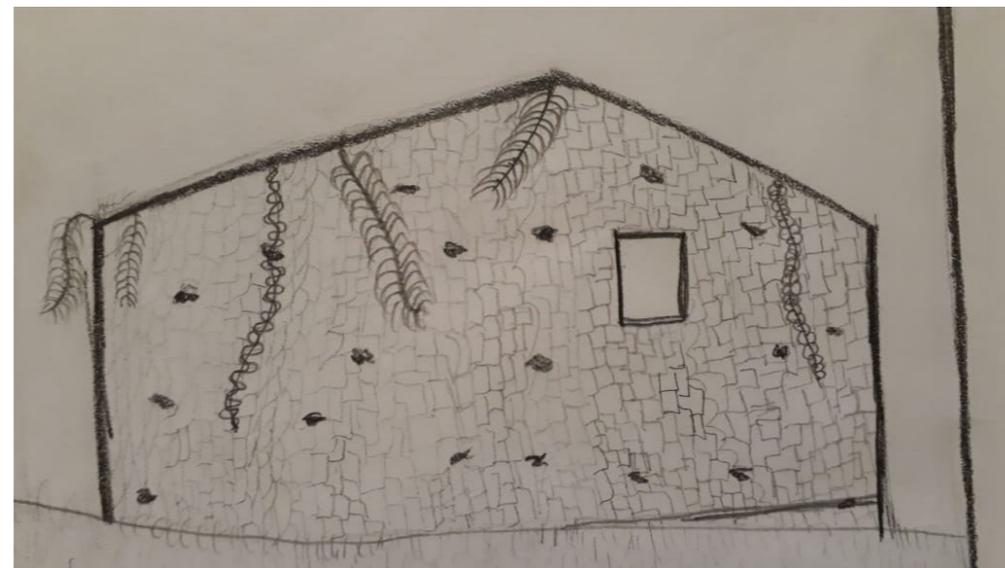


Figura 6 – Croqui da Casa de Pedra  
Fonte: Lizandra Mayara de Oliveira Teixeira, 2019.

estudo, não há mais janelas, somente buracos que foram janelas, que convidam a entrar nesse encontro de mundos.

### A PRODUÇÃO DE NARRATIVAS E SIGNIFICADOS ENCONTRADOS

Após a leitura das narrativas, identificaram-se alguns significados das vivências: 1) Ideia de novo conhecimento com relação ao manguezal e à comunidade quilombola 2) Ideia de experiência pessoal – O encontro com a paisagem.

#### *1) Ideia de novo conhecimento com relação ao ambiente (manguezal) e à comunidade quilombola*

As narrativas, a seguir, demonstram, a partir das vivências dos alunos no trabalho de campo, um novo entendimento do ecossistema e da comunidade no sentido integrado:

“A visita na comunidade Mandira reforçou ainda mais o meu ponto de vista de que as comunidades tradicionais são essenciais e fundamentais para a proteção da biodiversidade” (Helen Patricia Costa).

“As histórias de luta, de preservação da reserva e tudo mais contribuíram para a compreensão da importância de se preservar as comunidades nativas e seu papel para a conservação do meio ambiente” (Lizandra Mayara de Oliveira Teixeira).

Um lugar vivo, fonte de vida para as vidas marinhas, sendo de água doce e salgada, berçário para inúmeras espécies e um local digno para os moradores do local, que hoje trabalham de forma sustentável e ecologicamente em equilíbrio com a natureza (sem identificação).

É muito diferente quando se conhece na prática o que se aprende na teoria. Ter a oportunidade de conhecer um quilombo,

entender sua história e luta através da oralidade foi incrível. É muito gratificante entender a importância da biodiversidade de uma região e ver as técnicas que as comunidades possuem [...] Enfim, quando se conhece na prática não há teoria que possa contradizer (Lucas F. Bittencourt).

“Foi muito bom conhecer a organização da comunidade e suas histórias e lutas. Saber um pouco mais sobre os sambaquis, as matas e reservas extrativistas” (sem identificação).

“Tive meu primeiro contato com a comunidade quilombola e vi sua importância, suas lutas e resistências, sem contar a relação da preservação do meio ambiente” (Ian Russo).

Os relatos anteriores revelaram a produção de novas descobertas e conhecimentos advindos do campo com relação ao entendimento integrado entre manguezal e a comunidade de Mandira, no entanto, pouco revelaram da experiência pessoal com as paisagens.

#### *2) Ideia de experiência pessoal – O encontro com a paisagem*

As narrativas, aqui agrupadas, representam um significado interiorizado – o encontro com a paisagem e o lugar. Elas revelaram maior sensibilidade perceptiva:

A experiência de sentir a energia do mangue da reserva do Mandira foi inexplicável. Energia provinda da riqueza da biodiversidade, a exuberância do mangue, os animais que sobrevivem entre as raízes, que se escondem quando o barco se aproxima. O trabalho dentro do mangue também foi incrível, mantendo a qualidade do trabalhador do quilombo de Mandira e o seu bem-estar. Entrar no mato, sentir seu ar denso, úmido e purificado foi gratificante e enriqueceu muito o meu olhar sob as múltiplas características físicas da mata e exuberância de vida

## Vivências paisagísticas como caminhos para novas percepções e experiências

Luciene Cristina Risso

das diversas relações de simbiose existentes na diversidade de vida. Gratidão pela experiência (Bárbara Carolina Silva).

Meu sentimento foi, a priori o, de extrema empatia e vontade de levar para todos os espaços o que vi, aprendi e senti. É uma experiência única que enche de esperanças quem busca uma educação inclusiva e o conhecimento crítico para as suas aulas (Maria Sarah C. Parede).

Me despertou uma paixão arrebatadora sobre a colonização europeia no Brasil, pelo fato de respirar na trilha de Peabiru. Entrar na casa de pedra e ouvir um pouco da história de Cananeia e Iguape (Giovanna Cabral).

Os relatos da ideia de experiência pessoal anterior demonstraram as experiências do corpo fenomenal. Apareceram frases como a “experiência do sentir”, “Sentimento de empatia”; “o que vi, aprendi e senti”, desvelando a relação intrínseca das percepções das alunas com o que vivenciaram, “porque nenhum esquema corporal é dissociado de intenções e emoções e nenhuma ideia ou sentimento está separado do corpo sensível ao mundo” (MERLEAU-PONTY, 2011 apud DE PAULA, 2017, p. 30).

Para Gadamer (1997, p. 155) essa natureza “ganha seu verdadeiro ser ao se tornar uma experiência que transforma aquele que a experimenta”.

Nessa ideia, penso que nesses últimos relatos apareceram nitidamente essas novas percepções e experiências. O encontro com a paisagem. Algo as transformou mais e, com certeza, tornou-se um lugar para elas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas pedagógicas, sejam elas de disciplinas específicas, como foi esse caso, ou Educação Ambiental, que valorizam as vivências

paisagísticas e do lugar, utilizando o aporte da Geografia Humanista e da Fenomenologia, permitem novas visões e percepções ambientais.

Foi partindo desse princípio, que se pensou em vivências no trabalho de campo disciplinar superior, como uma metodologia didática.

Como resultados, notou-se que as vivências proporcionadas afloraram, para a maioria dos alunos, um novo conhecimento e valores com relação ao ambiente (manguezal) e à comunidade quilombola e um envolvimento das questões ambientais e culturais. Em menor número, apareceram narrativas com um significado interiorizado. Estes, colocaram-se na paisagem e expressaram nas narrativas e croquis suas sensibilidades perceptivas e sua forma de representar. Para estes, as vivências fizeram sentido para suas vidas e tornaram-se experiências.

As vivências no trabalho de campo deslumbraram nos alunos a possibilidade de experiência perceptiva, que acontece por meio da relação corpo-mundo. As interações ambientais, o contato com os saberes da comunidade quilombola de Mandira despertou sentidos e sentimentos de si e dos próximos.

Esse estudo ressignificou o trabalho de campo de uma disciplina do ensino superior por meio de vivências, cujos resultados foram positivos. Atenta-se ao papel crucial dos trabalhos de campo em Geografia como possibilidade de vivências e não somente para passar conteúdos técnicos, fazendo com que as paisagens tenham sentido para esses sujeitos em processo de formação profissional.

Espera-se que mais docentes, do ensino superior, aproveitem os trabalhos de campo para sensibilizar e vivenciar esse mundo encarnado, ou seja, entrar nas águas (quando possível), sentir o cheiro dos lugares, comer fruta e pratos típicos, conversar com a comunidade local. Experimentar e ressignificar. ☺

### REFERÊNCIAS

## Vivências paisagísticas como caminhos para novas percepções e experiências

Luciene Cristina Risso

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**: ensaios sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BACHELARD, G. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERQUE, A. **Médiance**: de milieux en paysages. Paris: Éditions Belin, 2000.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 165-194.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CARSON, R. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

CRICHYNO, J. Árvore e imaginário simbólico como lugar poético de memória na paisagem. **Nufen**, v. 9, n. 2, p. 124-137, mai.-ago. 2017.

COUTO, M. Zambezeando. In: COUTO, M. **Pensageiro frequente**. Alfragide: Caminho, 2010. p. 45-49.

COUTO, M. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE PAULA, F. C. **Resiliência encarnada do lugar**: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França). 2017. 157 p. **Tese** (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2017.

DEWSBURY, J.D; CLOKE, P. Spiritual landscapes: existence, performance and immanence. **Social & Cultural Geography**, v. 10, n. 6, p. 695-711, 2009.

GADAMER, H. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2005.

GUIMARÃES, S. T. L. **Paisagens**: aprendizados mediante as experiências. 167 p. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. 2007. Tese (Livre Docência em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2007.

HAECKEL, E. **Generelle Morphologie der Organismen**. Berlin: G. Reimer, 1866.

LOPES, R. F.; VASCONCELLOS, L. M. "Sentir através de": a produção de imagens multisensoriais no ensino do desenho. **Anais... XII Internacional Conference on Graphics Engineering for arts and design**, p.1-12, 2017.

FU I, L.; CURATOLOB, E.; FRIEDRICH, S. Transtornos afetivos. **Revista Brasileira Psiquiatria**, v. 22, p. 24-27, 2000.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 103-141.

MARANDOLA Jr., E. Um sentido fenomenológico de paisagem: o sentir em mistura do ser-lançado-no-mundo. **Anais... Seminário Internacional "Questões Contemporâneas sobre Paisagem"**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2014.

MARANDOLA Jr., E. Natureza e sociedade: em busca de uma Geografia romântica. **Revista Terceiro Incluído**, v. 7, p. 7-17, 2017.

MARIN, A. A. A educação ambiental nos caminhos da sensibilidade estética. **Inter-Ação**: Rev. Fac. Educ. UFG, v. 31, n. 2, p.277-290, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Vivências paisagísticas como caminhos para novas percepções e experiências

Luciene Cristina Risso

RISSO, L.C. **Estudo da paisagem**: história, percepções e memórias de rios. Relatório final do projeto FAPESP, 2018.

ROGER, A. Histoire d'une passion théorique ou comment on devient un Raboliot du paysage. In: BERQUE, A.; CONAN, M.; DONADIEU, P.; LASSUS, B.; ROGER, A. (Orgs.). **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. Seyssel: Champ Vallon, 1994.

SERRÃO, A. V. Paisagem e ambiente: uma distinção conceptual. **Enrahonar. Quaderns de Filosofia**, v. 53, p. 15-28, 2014.

TANSLEY, A. G. The use and abuse of vegetational concepts and terms. **Ecology**, 16: 284-307, 1935.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

WARD, B.; DUBOS, R. **Uma terra somente**. São Paulo: Blücher, 1973.

WARD, J. E. Biodynamics of suspension-feeding in adult bivalve molluscs: particle capture, processing and fate. **Invertebrate Biology**, Oxford, v. 115, n. 3, p. 218-231, 1996.

WRIGHT, J.K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v.4, n. 2, p. 4-18, 2014.

Submetido em Outubro de 2019.

Revisado em Março de 2020.

Aceito em Março de 2020.